

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

KRITZ, Prescila Parnes. Prescila Parnes Kritz (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 10min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Prescila Parnes Kritz
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 17/11/2011 a 17/11/2011

Duração: 1h 10min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: AIDS(doença); Anos 1970; Anos 1990; Bolsas de estudo e de pesquisa; Brasil; Ciências Sociais; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ditadura; Educação; Estados Unidos da América; Europa; Fundação Ford; Governo José Sarney (1985-1989); Índios; João Pessoa; Mulher; Peter Fry; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo;

Sumário

Entrevista 17 de novembro de 2011: A chegada dos pais no Brasil em 1922; o nascimento em João Pessoa em 1924; a mudança da família para São Paulo e posteriormente para o Rio de Janeiro; a viagem com o marido para a Europa; a volta da Europa e os trabalhos temporários como tradutora; o primeiro contato com a Fundação Ford e a relação com Adele Whitmore nos anos 1970; a equipe da Fundação nos anos 1970; a reunião mundial dos Trustees em 1986; o período em que Peter Fry fica como representante interino; o episódio com o índio Tiuré; o período de redução de gastos no final dos anos 1970 durante o Governo Sarney; o concurso de dotações para pesquisas em Ciências Sociais e a para pesquisas em Educação; trinta anos de comemoração da Fundação Ford; a importância das consultorias; a relação entre os assessores/representantes e a matriz; o programa de bolsas de estudos antes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); o apoio da Fundação a um programa voltado à pesquisa da Aids e o caso de Bruce Bushey; o período em que James Gardner era representante da Fundação Ford; o prédio da Fundação em Nova York; a Fundação Ford no período da ditadura; o papel dos consultores da Fundação; a Fundação Ford nos anos 1990 e o foco na questão de estudos da mulher; donatários relevantes para a Fundação.

Entrevista: 17/11/2011

H.A. – Estamos aqui, muito honradas de receber a Prescilla Parnes Kritz que, por vinte e seis anos, trabalhou no escritório brasileiro da Fundação Ford. Vários dos nossos entrevistados citaram Prescilla como memória da instituição, então estamos felizes de ter você aqui, Prescilla. Vamos lá, a ideia é começarmos um pouquinho com a sua vida, você contando de onde vem e como foi para lá.

P.K. – Bom, a minha história começa com a chegada dos meus pais ao Brasil. Meus pais vieram, junto com os pais deles, da Bessarábia – uma aldeiazinha que nem existe mais chamada Brichevo. Hoje em dia, a Bessarábia é a Moldávia. Não existe mais a Bessarábia. Eles aportaram em Porto de Cabedelo na Paraíba, porque um irmão do meu pai já tinha vindo antes. Então ele já estava estabelecido, tinha negócios e ele convidou o meu pai para vir. Meu pai e minha mãe vieram noivos. Eles namoraram na cidade deles durante sete anos, mas não chegaram a casar e vieram com os pais deles, os pais do meu pai. Os pais da minha mãe já estavam em São Paulo. Assim que eles aportaram, a minha tia, que morava em João Pessoa na época, estava no porto de Cabedelo com um rabino para fazer o casamento dos meus pais assim que eles descessem do navio, porque eles não poderiam ficar na mesma casa sem serem casados. Então casaram, assim, na marra, no dia que chegaram da Europa.

L.O. – Isso foi após...

P.K. – Isso foi em 1922. Dezembro de 1922. Eles, então, foram para João Pessoa e lá eu nasci em 1924. Permanecemos lá durante dois anos até que meu avô materno, que estava bem instalado em São Paulo, tinha uma indústria de malhas, ofereceu um trabalho para o meu pai. Então veio a família toda de navio para São Paulo, onde nós permanecemos até 1936. De lá, então, houve a mudança para o Rio e eu me considero carioca, pois já estou aqui há tantos anos assim. A minha história na Fundação começou quando, voltando dessa viagem à Europa que eu citei... Quer dizer, eu não sei... Não cheguei a citar, não é?

L.O. – Não. [riso]

P.K. – A viagem à Europa deveu-se ao fato do meu marido ter decidido terminado o trabalho que ele fazia em um estúdio do qual era ele sócio. Ele se retirou da sociedade e com o dinheiro apurado, resolveu gastar em uma viagem à Europa que ele sabia que era o meu sonho. Essa viagem foi em 1970. Durou dois meses e quando nós voltamos ao Rio, nem ele tinha trabalho e nem eu. Então, alguma coisa tinha que ser feita. Ele era engenheiro civil. Enquanto ele

procurava alguma coisa para fazer, eu digo: “Eu vou começar com traduções que é a coisa mais fácil de eu conseguir”. E me inscrevi em uma instituição chamada Manpower, que fazia contatos com agências, empresas, que precisavam de trabalhadores temporários para trabalhos temporários. Fiz alguns trabalhos temporários em várias empresas, sempre ligados à tradução e versão. Até que me mandaram para o Ipea e no Ipea eu fui atender a um pesquisador grego que estava trabalhando em um projeto da Fundação Ford. Ele era um dos assessores. Naquela época, a Fundação não tinha assessores para todos os programas. Para certos programas eles convidavam assessores que prestavam serviços para várias instituições aqui. Esse senhor chamava Stahis Panagides e era especialista em desenvolvimento agrícola. Então ele prestava serviço a essas instituições em nome da Fundação Ford. Acontece que passados alguns meses, eu recebia um salário que a Manpower me pagava, e o senhor Panagides me disse: “Você sabe que você recebe um terço do que a Fundação Ford paga para essa instituição? Você recebe um terço só”. Aí eu comecei a pensar: se eu valho três terços para a Fundação Ford e só recebo um terço, eu tenho que fazer alguma coisa. Ele disse: “Por acaso eu sei que uma das secretárias está para casar e vai sair da Fundação Ford. Por que você não passa lá e se candidata?”. Naquela época eu estava com quarenta e seis anos de idade. Eu resolvi aceitar o conselho do Panagide. Fui, eu nem sabia que existia uma Fundação Ford no Brasil, muito menos o endereço. Ele me deu, eu cheguei... Era na praia do Flamengo, 100. Me candidatei. O representante da época era Stanley Nicholson. O senhor Nicholson me entrevistou e eu, assim, muito temerosa por causa da idade, não é? Naquela época, uma mulher de quarenta e seis anos não tinha chance. Ele disse: “Não, mas aqui nós pensamos diferente. Aqui nós valorizamos a experiência, a vivência do funcionário”. Eu fiz o teste. Quem me aplicou o teste foi a Adele Whitmore, que inclusive é citada no livro, e me dei bem com teste e ele me contratou. Isso foi dezembro de 1970. Nós tínhamos chegado da Europa em agosto. Quer dizer, eu comecei a trabalhar logo em dezembro. Fiquei três semanas de experiência e no começo de janeiro eu fui efetivada. E continuei trabalhando normalmente sempre com muita ajuda da Adele Whitmore que foi, assim, uma espécie de anjo da guarda meu, e das demais colegas. A Fundação, naquela época, tinha muita gente trabalhando. Tinha um grande número de assessores vindo de fora e outro tanto de secretárias e assistentes, enfim. Ocupava o décimo segundo andar todo do prédio 100 e mais metade do décimo primeiro. Eles tinham até construído uma escada interna. Você se lembra desse tempo?

L.O. – Não... Eu me lembro do apartamento e lembro que ocupava o espaço inteiro, mas não me lembrava dessa escada.

P.K. – Tinha a metade do décimo primeiro andar, tantas pessoas trabalhavam...

H.A. – Tem ideia de quantos *program officers* tinha nessa época?

P.K. – Eu não quero chutar muito alto, mas eu diria que devia ter uns doze.

H.A. – Todos estrangeiros?

P.K. – Todos estrangeiros. Na época, todos estrangeiros e o pessoal local devia ter mais até do que doze. Nós tínhamos dois *office boys*, dois motoristas, uma secretária para cada um dos *program officers*, além da copeira. Então era um *staff* bem grande, não é?

H.A. – E você era a secretária do...?

P.K. – Não, eu comecei como secretária júnior, apesar da idade eu era secretária júnior. E... Não me lembro mais a época, mas eu acho que era 74, 75 talvez, chegou ao Brasil o Bruce Bushey. Eu era secretária júnior, trabalhei com o doutor Richard Moss. Eu dividia, eram dois Richards: era o Richard Sharpe que era o programa de Educação e o Richard Moss de Ciências Sociais. Aí chega Bruce Bushey para dar uma assistência a Richard Moss e eu fiquei trabalhando mais com Bruce Bushey do que com os outros. Passaram alguns anos mais e o Bruce Bushey voltou para os Estados Unidos. Ele ficou aqui dois, três anos e voltou para os Estados Unidos.

L.O. – Era como? As pessoas não ficavam muito tempo?

P.K. – Não, eles vinham com contratos. Contrato de dois anos e, às vezes, estendiam para mais um ou dois. Mais tarde, com a diminuição do *staff* é que os contratos foram estendidos para mais. Tanto assim que houve... Representantes ficaram seis anos, acho que um grupo ficou mais de seis anos. O Bradford...

H.A. – Ana Toni mais ainda, não é?

P.K. – Ana Toni também ficou mais. A Ana Toni eu já não peguei. O Bradford Smith também ficou. Quando o Bruce Bushey voltou para os Estados Unidos eu, então, voltei a trabalhar com o Richard Sharpe e Moss.

H.A. – Os dois Richards?

P.K. – Os dois Richards. Aí o Richard Sharpe volta para os Estados Unidos e no lugar dele vem um terceiro Richard, Richard Krasno, para o programa de Educação. Eu fiquei Richard Krasno também algum tempo. Richard Moss, nessa época, voltou para os Estados Unidos também. Havia uma rotatividade por causa da extinção dos contratos, então sempre vinham outros

substituir. Mas eu não era assistente do representante. Quando chegou David Goodman... David Goodman me conheceu no Ipea. Eu não trabalhei diretamente com ele, eu trabalhava com o Panagides, mas eram três: era David Goodman, era George Patrick e Stahis Panagides. Os três desenvolvendo o programa de Agricultura. O David Goodman é convidado e aceita ser representante da Fundação Ford. Existia uma outra secretária de representante na época que tinha trabalhado no programa de Agricultura, mas ele preferiu ficar comigo. Ele me convidou e a partir de então... Deixa eu me lembrar quando foi isso... Foi perto dos anos 80. O Shepard já estava no Brasil. O Shepard tinha chegado em 77 e foi embora em 79. Daí então eu fiquei sendo a secretária do representante para todos eles que vinham. Depois do David Goodman, voltou o Bruce Bushey como representante. Aí, como nós já nos conhecíamos naquela época e estávamos muito bem um com outro... Eu era uma espécie de mãe porque eu era mais velha, não é? Ele era muito jovem ainda. Os representantes vinham, ficavam três, quatro anos – os representantes sempre ficavam mais tempo. O Bruce Bushey teve que voltar porque ele adoeceu aqui. Na época do Bruce Bushey houve uma grande reunião, um grande evento aqui que foi a reunião mundial dos *Trustees*, Conselho Diretor da Fundação Ford.

H.A. – Isso foi em que ano?

P.K. – Foi em 1986, março. Veio todo o Conselho Diretor. Gente assim, *very vip*. Fizemos a reunião no antigo Rio Palace que hoje é Sofitel, não é? Entre os membros do Conselho estava o senhor McNamara, Robert McNamara – era um dos membros do Conselho. Então houve várias solenidades e havia tempo livre para eles. E eu tive a honra de acompanhar o senhor McNamara em um passeio pela Floresta da Tijuca até o Corcovado. O homem entrou calado e saiu mudou ou entrou mudo e saiu calado. Não falou uma palavra durante o trajeto todo. Eu sentada junto dele e ele mudo... Quando chegamos ao Corcovado, ainda não tinha escada rolante evidente, tinha uma escadaria, e ele perguntou: “Vai subir?”. Eu digo: “Não, eu espero o senhor aqui”. Ele subiu de três em três degraus. Ele pulava, saltava. O homem tinha uma capacidade física extraordinária para a idade dele. Mas foi, assim, um evento muito, muito bonito, muito interessante. Eles ficaram felicíssimos de estar no Rio.

H.A. – É, por que foi aqui?

P.K. – Porque eles escolhem sempre um lugar. Naquele ano calhou de ser Rio de Janeiro. Quem escolhe é Nova York. Para dar um reforço, um prestígio para o grupo que está trabalhando aqui. O Bruce, que já não estava se sentindo bem, chamou dois amigos dele para ajudarem na organização. Um deles foi Peter Fry e a outra foi a Carmita Guimarães. Eles foram ótimos

porque tinham ideias geniais. Carmita sempre tinha ideias muito loucas, mas aproveitamos todas as ideias dela. Basta dizer que a festa de encerramento da reunião foi na Vila Riso com a presença da escola de samba que tinha sido campeã naquele ano e foi uma festa. O Botero, que foi depois ministro na Colômbia, qual o nome dele? Rodrigo Botero eu acho que é o pintor, não é? Mas é um Botero que foi ministro da Economia da Colômbia. Ele dançou, ele se esbaldou. McNamara se esbaldou. Todos eles aproveitaram muito. Foi uma festa linda, ideia da Carmita. Depois que Bruce foi, assim, repentinamente embora, o Peter Fry ficou como representante, primeiro, interino, depois ele foi...

L.O. – Isso é interessante porque eu via lá: Peter Fry interino. Eu não... Por que interino? Agora está explicado, não é?

P.K. – Ele assumiu porque o Bruce saiu muito doente. Ele acabou falecendo, não é? E o Peter foi, assim, *a breath fresh air*, um golpe de ar fresco na Fundação, porque ele era muito ativo, ideias ótimas e o pessoal gostava muito dele. Agora na gestão do Peter aconteceu um fato muito engraçado que, inclusive, saiu nos jornais, não sei se vocês lembram disso. Nós fomos invadidos por um índio, o nome dele era Tiuré, que tinha recebido uma doação da Fundação dois anos antes para ser o documentarista da tribo dele. Então a Fundação pagou uma câmera, pagou equipamentos de filmagens, de fotografia e o projeto tinha dois anos de duração. No fim desses dois anos, ele tinha que apresentar o relatório. Ele não apresentou e foi dada a extensão – não me lembro se seis meses ou mais –, e ele não apresentava projeto. A Fundação então cancelou a ajuda. Ele um dia aparece, eu estou na sala (a sala do representante ficava nas minhas costas) e eu sentada na minha sala e o Peter estava em reunião. Entra o Tiuré, a recepcionista anuncia que o Tiuré queria falar com o Peter e eu vou até a recepção e digo: “Ele está em reunião. Você não marcou hora, ele não vai ter hora para receber você porque ele tem uma agenda toda de reuniões marcadas”. Ele disse: “Mas eu preciso falar com ele”. Eu digo: “Mas vamos marcar outro dia então”. Ele diz: “Não, tem que ser hoje”. Aí eu vim andando em direção a minha sala, sentei atrás da minha mesa. Ele ficou na frente da minha mesa e começou a tirar a roupa. Tirou toda a roupa, ficou nuzinho e ele estava todo pintado da cor daquela camisa. Ele disse: “Eu estou vestido para guerra. Eu preciso falar com Peter Fry”. Aí eu abri a maçaneta e digo: “Peter, vem cá, depressa. Corre aqui”. Ele estava em reunião, ele veio correndo, viu aquela cena, pegou o Tiuré e levou lá para a biblioteca, não é? Enrolou em alguma coisa e a recepção já tinha outras pessoas, além da copeira que estava trazendo cafezinho e água para o pessoal da sala do Peter, tinha a recepcionista. Ele não queria ficar na biblioteca, ele queria

ficar sentado na recepção esperando... Ele exigiu que a Fundação Ford chamasse jornalistas que ele queria denunciar a Fundação Ford aos jornalistas. Isso devia ser umas dez, onze horas da manhã. O Peter mandou todo mundo para casa almoçar, quem fosse para casa foi para casa, quem ia almoçar fora saiu da Fundação e ele ficou com duas ou três pessoas que estavam na reunião dele tentando convencer o Tiuré a voltar outro dia, a apresentar o pleito dele por escrito... Ele disse: “Não, eu só saio daqui depois de falar com os jornalistas”. Pegou um jornal que estava na recepção, estendeu no carpete da entrada e ficou sentado lá, em posição de lótus, esperando os jornalistas. Ah, quem estava lá era a Bila Sorj. Aí a Bila telefonou para o jornal do Brasil, para o Globo sei lá, para os jornais e mandaram repórteres e entrevistaram... Ele fez lá a queixa dele. Eu sei que às três horas da tarde finalmente conseguiram...

L.O. – Ele foi embora... [riso]

P.K. – É, foi um lance. Foi uma história muito, muito enervante, chocante. Todo mundo ficou nervoso porque não sabia o que ia acontecer, não é? O fato dele estar pelado era o de menos, mas o que ele podia estar preparando?

L.O. – E tem outras histórias não necessariamente do índio... O homem branco americano, mas de brasileiro também se tiver pode contar, alguém que...

P.K. – Não, tem uma história, mas eu não me lembro... Era americano também. Essa foi engraçada apenas. Eu não me lembro do nome dele. Era um desses assessores que vinha prestar assessoria a instituições na área do Direito, ele era professor de Direito. Ele veio prestar assessoria a uma instituição aqui da Getúlio Vargas. Tinha uma escola de Direito?

L.O. – Não, tinha um Instituto de Direito...

P.K. – Era o Carlos Alberto Direito que estava dirigindo?

L.O. – Era uma instituição que o Carlos Alberto dirigia.

P.K. – Eu não me lembro bem qual era. E ele veio, ficou lá o tempo que ele tinha que ficar – duas semanas. No dia que ele tinha que voltar para os Estados Unidos, ele deixou o hotel de manhã para não ter que pagar a diária, deixou a mala lá no escritório e foi cuidar das coisas que ele tinha que fazer. Na hora que ele tinha que se preparar para ir para o aeroporto, o motorista estava à disposição dele na Fundação. Como eu disse, na época nós tínhamos dois motoristas. Então, um deles, senhor Valdomiro, já estava à disposição dele, deviam ser umas sete ou oito horas da noite. O faxineiro estava também limpando quando, de repente, eles vêm esse senhor, David qualquer coisa, passar pelo corredor, nuzinho, em direção ao banheiro que ele ia tomar um chuveiro. Mas ele se julgando sozinho na Fundação, os dois estavam na cozinha com a

porta aberta, e ele passou e foi tomar o chuveiro, assim, belo e fagueiro e depois voltou para a biblioteca também. Aí já estava enrolado na toalha. Mas os dois, no dia seguinte, estavam assim brancos. Os dois eram muito escuros, o senhor Valdomiro era muito escuro, e estavam brancos: “Vocês não sabem o que aconteceu”. [risos] Ficaram chocados. Lances assim sempre dão um tom de leveza na história de uma instituição, não é?

H.A. – Agora, voltando um pouquinho aos anos 70, a gente lendo a história nos quarenta anos de trinta percebe que os anos 70 tiveram ali alguns momentos turbulentos, mesmo na matriz, de crise, de indefinição...?

P.K. – É, isso foi mais nos anos 80. O que provocou a redução...

H.A. – Final dos anos 70, não é?

P.K. – Final dos anos 70, começo dos anos 80. Coincidiu aqui também com a época do Sarney, não é? Houve uma redução drástica. Nós tivemos que entregar o décimo primeiro andar, fazer uma obra para fechar aquela escada que tinha sido aberta, reduzir o número do *local staff*, das doze pessoas eu tenho a impressão que ficam cinco ou seis só. O orçamento, conseqüentemente, também foi reduzido porque foi reduzido na matriz. Mas antes disso tem um fato interessante que foi o lançamento dos concursos que a Fundação patrocinou nos anos 70, o concurso de dotações para pesquisas em Ciências Sociais e a para pesquisas em Educação. Cada um desses concursos tinha uma comissão julgadora. Gente muito interessante. Na comissão de Ciências Sociais tinha a dona Ruth Cardoso, José Murilo de Carvalho, Fábio Wanderley Reis, Boris Fausto, Klass Woortmann de Brasília. E na de Educação tinha a Carmen Barroso, a... Não me lembro o nome dela agora, uma antiga donatária da Fundação. Mas também tinha cinco ou seis membros. E a gente realizava concursos anuais, nesses concursos as pessoas interessadas mandavam os projetos que eram selecionados e os melhores eram financiados. Tinha prazo para cumprimento do projeto, cada parcela só era liberada mediante um relatório interino... A coisa sempre foi muito bem acompanhada. O *follow up* desses programas foi muito bem feito. Esse programa de doações durou, eu tenho a impressão, que uns quatro ou cinco anos. E ele resultou na Anpocs. A fundação da Anpocs foi patrocinada pela Fundação Ford e ela assumiu os concursos.

L.O. – Concursos na área de Ciências Sociais. Porque a comissão já era top de linha na área de Ciências Sociais.

P.K. – Estava muito bem entregue o concurso. A Fundação deu aquele pontapé inicial, não é? Foi uma época muito interessante, nós tínhamos... Eu era secretária das duas comissões. Então

nós tínhamos reuniões fora, Pedro Malam era também da comissão. Havia uma rotatividade, cada um ficava dois anos, eu acho. As reuniões eram sempre feitas fora. Fizemos uma no hotel Paineiras – dessa tem até fotografias. Outro dia o Shepard me mandou pela internet, mas eu já tinha essa fotografia; da mesa do comitê e a dona Ruth está ali. E também uma outra também nos jardins do hotel Paineiras, quando ainda era hotel Paineiras, e Dona Ruth está ali também. A... Como era o nome dele? Um paulista gordo que também fazia parte da comissão... A comissão de Ciências Sociais era a maior, eu acho que tinha oito membros e em uma noite enquanto durou essa reunião no hotel Paineiras, o Fernando Henrique veio e participou do jantar e acabou passando a noite lá no hotel com a Ruth.

L.O. – Era o primeiro-damo nessa hora... [riso]

P.K. – Naquela época ele não era nada.

L.O. – Ela que era..

P.K. – Ele era Sebrape. Aliás, o Sebrape nasceu da ajuda da Fundação Ford como tantas outras instituições. Eu acho que a Fundação Ford, aqui no Brasil, teve um papel muito importante. Quando a gente olha para trás e vê que um Afroreggae nasceu da Fundação, um Olondum nasceu da Fundação, um Sebrape nasceu da Fundação, o programa de Estudos Populacionais da UFMG nasceu da Fundação, Universidade Federal de Viçosa...

H.A. – Só isso aí a gente...

L.O. – Esteve apoiando as coisas que foram fundamentais.

P.K. – É.

L.O. – E me diga mais uma coisa. Por ocasião dos trinta anos de comemoração, você estava...

P.K. – Eu estava, era com a Joan Dassin, inclusive a Celina nos ajudou muito. Houve um seminário aqui na Fundação Getúlio Vargas, no auditório, em que vários cientistas sociais participaram, fizeram *papers*. Depois houve uma comemoração festiva no Passo Imperial, que também foi uma festa muito bonita, veio o pessoal todo de Nova York e desses trinta anos foi produzido um livro pelo Sérgio Miceli. Esse livro eu pessoalmente não tenho. Eu me lembro dele, mas eu não fiquei com um exemplar. E agora, para os cinquenta anos, eu soube que a Fundação está se preparando também para fazer qualquer... Uma celebração mais do que justa, não é? Eu estava comentando com a Helena que eu, há dois anos atrás, entreguei para Ana Toni a minha coleção de fotos do tempo da Fundação. Todas as fotos que eu tirei, até no dia a dia, nas reuniões de fim de ano quando se fazia a confraternização ora na casa de alguém ora no restaurante. Tudo isso está fotografado e ela me disse que a Ana passou para vocês, não é?

L.O. – Isso que nós vimos, as pessoas mudavam, mas você permanecia. [riso] Ela falou: “É importante falar disso”. Você está mostrando como vinham assessores para várias áreas e ficavam pouco tempo. É interessante isso, as pessoas necessariamente não conheciam o Brasil ou conheciam o Brasil...?

P.K. – Alguns deles eram brasilianistas, tinham interesses no Brasil, mas eu tenho a impressão que a maioria não. A maioria vinha tomar pé da situação já aqui, por isso era tão importante eles estarem em contato com gente que conhecia o Brasil profundamente.

H.A. – As consultorias foram importantes, não é?

P.K. – As consultorias eram muito importantes. Agora, a função das assistentes, não digo só a minha, das outras assistentes de programa, era fazer o contato entre as pessoas locais, entre os *experts* locais, e os que vinham tomar pé da situação para fazer um retrato do Brasil e de que forma se poderia ajudar, a Fundação poderia ajudar. Eles tinham acesso muito aberto, muito facilitado, porque todas as instituições recebiam a Fundação de braços abertos. Era uma prova de que a Fundação poderia fazer alguma coisa por eles. Era um interesse em prol de alguma coisa maior que era beneficiar os estudos daquela instituição para o Brasil, os lucros seriam para o Brasil.

L.O. – E a relação, como é que você via, entre o representante ou esses assessores e a matriz? Quer dizer, tinha que fazer relatório para matriz, tinha reunião na matriz?

P.K. – Tinha. Todas as doações seguiam um padrão e todas essas doações eram aprovadas na matriz: nós tínhamos que mandar o relatório, as justificativas de porque que tal instituição merecia e porque merecia essa quantia. Mas tudo isso era antes falado por telefone e depois colocado no papel e Nova York aprovava. Tinha um departamento lá que era específico para estudar essas doações não só no Brasil, em todos os escritórios. Houve época que a Fundação tinha dezesseis escritórios no mundo inteiro e tudo isso passava pelo escritório central.

H.A. – Algumas doações eram feitas diretamente por Nova York, não é?

P.K. – Algumas... Muito raramente eram feitas, para instituições brasileiras passavam pelo escritório no Brasil. Raramente... Não me lembro de alguma que tivesse pedido diretamente a Nova York e tivesse sido aprovada. Sempre era recomendado que se passasse pelo Brasil. Agora, a Fundação teve em uma época um programa de bolsas de estudos, bolsas de viagens e isso, infelizmente, durou pouco tempo. Quer dizer, quando eu entrei na Fundação o programa já existia, mas ele não durou muito tempo além da minha entrada, durou mais uns cinco ou seis anos. Porque aí começaram a direcionar a ajuda para programas e não para indivíduos. Mas

muitos indivíduos tiveram bolsas de estudos de longa duração, três ou quatro anos às vezes. Aí entrou a Capes, o dinheiro foi canalizado através da Capes.

H.A. – Então, a gente vê esse movimento de começar e depois cria um...

P.K. – É como diz o [Sidman]¹: “A Fundação dar aquele passo inicial e depois procura uma instituição local para continuar”.

H.A. – Interessante que a gente observa isso até hoje mesmo, não é? Os fundos sendo criados também com o apoio da Fundação...

P.K. – Hoje em dia a Fundação em Nova York desenvolve um programa sob a direção da Joan Dassin que é uma coisa, assim, extraordinária em matéria de bolsas de estudos. Eles pegam pessoas que jamais teriam chances. No interior dos países eles ficam sabendo de alguém, tipo um empreendedor que precisa alguma base para poder fazer o seu empreendimento ter bom sucesso. Não sei como eles descobrem. Esse programa da Joan tem feito, assim, uma diferença enorme. É coisa de milhões de dólares, não sei exatamente quanto. E quem administra esse programa aqui no Brasil é Fúlvia Rosemberg, lá em São Paulo. Mas isso é Fundação Nova York.

L.O. – Fúlvia Rosemberg que é Carlos Chagas, não é?

P.K. – É Carlos Chagas, é. Carlos Chagas é outra instituição que começou com a Fundação.

H.A. – E continua uma grande parceira, não é? Recentemente eles comemoraram quarenta anos de parceria.

P.K. – No meu tempo era a Carmen Barroso, a Fúlvia já estava, o Guiomar Namó, não me lembro dos outros nomes. A gente tinha um contato muito próximo, não é? Os oitenta e sete anos começam a pesar um pouquinho na memória, na lembrança.

L.O. – Mais uma coisinha. Quer dizer, a reunião dos trinta anos foi comemorada com esse seminário, festa e o livro depois, não é?

P.K. – Foi e o livro do Sérgio Miceli.

L.O. – Ele fala, na introdução do livro, de um seminário, mas não dizia muito onde tinha sido etc., etc., aí eu fiquei sem saber onde...

P.K. – Foi, foi. A Celina ofereceu o auditório (foi uma oferta mesmo), e o Passo Imperial, o Lauro ofereceu o uso, também não houve pagamento. E a Fundação fez a festa, claro. Foi uma festa muito bonita lá.

¹ Mais próximo do que foi possível ouvir.

L.O. – É, nossa, nos quarenta anos a festa foi no Museu Histórico Nacional, não é?

P.K. – Eu estou me lembrando, estava dizendo à Helena, eu tenho a impressão que no meio daquelas fotografias... Não, no meio das fotografias não, no meu computador eu tenho algumas fotografias dos quarenta anos.

L.O. – Porque nós... Perguntei, pedi, me passaram a pasta... E não tinha nenhuma imagem dos quarenta anos, eu falei: “Mas como não tem?”

P.K. – Não, não tem. Eu estou tentando lembrar se no meio dessas fotos tem um pacote de fotos que eu guardava da tal reunião dos curadores dos *Trustees*...

H.A. – Sim, isso seria muito bom porque essa foto que você citou é interessante...

P.K. – Mas não estão comigo mais. Eu entreguei tudo, não é? Mas tinha, tinha a...

L.O. – Talvez a gente pudesse... Porque veio uma pasta com muitas fotos. Algumas identificadas e datadas e outras não. Aí, a primeira coisa que a gente tentou é ver se a Janice sabia. Mas aí depois chegou um momento que eu falei: “Não”. Tem algum momento que a gente podia combinar... Talvez ir à sua casa com essas fotos.

P.K. – É, em muitas delas Janice ainda não estava na Fundação. A Janice entrou no tempo do Peter, ela entrou em 87, 88, por aí.

L.O. – Não, é impressionante essa continuidade, não é? Vai um ou outro... Mas os próprios assessores...

P.K. – É, a Janice foi uma ótima aquisição da Fundação Ford. Ela começou, assim, meio cruzinha, muito jovem e tal, mas ela sempre foi muito esforçada, sempre foi muito correta...

H.A. – Agora Prescilla, essa época dos anos 80 que você estava citando essa dificuldade, essas vacas magras inclusive na matriz, mas também foi um período muito produtivo apesar dessa diminuição...

P.K. – Foi, foi. Foi nesse período que aconteceu a tal reunião, foi o período de...

H.A. – Por exemplo, o programa de Aids, eu acho que também foi um bom exemplo dessa época.

P.K. – Foi, foi na época da Joan, Joan Dassin que deu muita força a esse programa. Talvez inspirada pelo Bruce que saiu daqui muito doente de Aids. Eu ainda o visitei em Nova York duas vezes.

H.A. – O Shepard, na entrevista que deu para gente, comentou que lá, nessa época ele já estava na matriz, ele lutou muito por um programa da Fundação Ford, como um todo, voltado para Aids, inclusive por conta de membros que já estavam sofrendo com a doença.

P.K. – Exato. O Bruce foi um dos primeiros, eu conheci de perto, a sofrer a doença. A primeira vez que eu o visitei ele estava bem, estava em casa. Mas na segunda vez ele já estava muito mal. Foi poucos meses antes dele morrer, ele já estava muito mal mesmo. E era uma pessoa, assim, era um menino de ouro que eu chamava. Ele era bem jovem, não é? Muito sério no trabalho dele. Enfim, são as perdas...

L.O. – E ninguém sabia direto. As pessoas ficavam doente, começa a ter uma porção de coisas e não se sabia o que era, então...

P.K. – Não se sabia. No começo ele... Ninguém imaginava. Isso foi logo no começo. Quando terminou a reunião dos *trustees*, ia começar uma reunião na Indonésia que ele ia participar. Ele chegou a ir para a Indonésia, mas não participou da reunião. Voltou para Nova York muito doente.

H.A. – Em relação aos representantes, a gente acaba tendo mais informação sobre os mais recentes naturalmente e esses lá do começo a gente nem sempre tem muita informação...

P.K. – Eu tenho informação com aqueles que eu tive mais contato. Mesmo que eu não trabalhasse diretamente, eu tinha contatos com eles, por exemplo: o Stanley Nicholson que foi esse primeiro que me deu a chance, o James Gardner que veio a seguir – esse foi uma espécie de *bon vivant*, ele me fazia trabalhar sábado, domingo...

H.A. – *Bon vivant* só para ele... [riso]

P.K. – *Bom vivant* para ele, é. Ele ficava até sete, oito horas e naquela época, eu tenho até que contar isso, não tinha computador, tinha IBM e aquele papelzinho branco que corrige, o corretor, não tinha o líquido. Era uma tirinha. O James Gardner escrevia, tinha uma letra muito ruim de ler, e eu tinha que transcrever e eram esses documentos recomendando a doação. Aí ele escrevia o rascunho, eu fazia o rascunho, passava a limpo na IBM. Aí ele pegava o rascunho e rabiscava todo. Não tinha como corrigir, eu tinha que rebater. Chegava vezes de eu rebater seis vezes, sete vezes o mesmo documento, não é a página, porque aí a página já modifica e você tem que mudar. Eram documentos de dez, doze páginas. Meu marido reclamava tanto. Foi uma época que as meninas eram pequenas ainda, eu tenho duas filhas, e elas queriam ir à praia. Ele disse: “Você nunca vai à Praia”. Eu digo: “Não posso, eu tenho que trabalhar”. Era sábado, domingo. Ele não ia à praia, o James, então me chamava para trabalhar. Uma vez, eu fiquei trabalhando até umas oito horas da noite e eu sempre morei perto da Fundação. Eu ia para casa almoçar todos os dias. Eu moro na Almirante Tamandaré, pertíssimo. Fui para casa, quando eu chego em casa (nove e pouca, já tinha acabado de jantar), toca o telefone, era a

Rebecca Reichmann que tinha ficado na Fundação trabalhando, eu não sabia que ela estava lá, e ela estava sem chave, estava presa na Fundação. O que a Prescilla faz? Vai para a Fundação abrir a porta para deixar a Rebecca sair. A minha sorte é que eu era a que morava mais perto, senão ela teria que dormir na Fundação coitada. Mas o James Gardner era desse tipo. Ele era muito inseguro sobre o que ele escrevia, então o negócio era rabiscar e escrever de novo, era sábado, era domingo, era feriado. Era uma coisa.

L.O. – Na época essa... Os jovens que não conheceram isso, era uma luta...

H.A. – Peguei, mas peguei pouco.

P.K. – Pegou a IBM ainda?

H.A. – Peguei, peguei um pouco máquina de escrever.

P.K. – Aquela de esferinha... E aquelas tirinhas. Depois surgiram... A tinta borrava tanto quando você rebatia, ficava uma coisa borrada, feia, não podia ir para Nova York assim, tinha que rebater de novo.

H.A. – Nova York você visitou algumas vezes?

P.K. – Visitei várias vezes. Tive contato com as colegas. Eles sempre me receberam muito bem. Um escritório organizadíssimo. O prédio é uma beleza, vocês conhecem?

L.O. – Não, ainda não. Temos que ver.

P.K. – Foi construído pela Fundação Ford, foi construído especialmente, entre 42 e 43. Agora, parte do prédio, na época, era ocupada pelo IRS - Imposto de Renda - porque eles tinham uma fiscalização, ali, dura em cima da Fundação. Porque existem regras para doações, não é? Então eles tinham salas lá na Fundação para essa finalidade. Agora eles têm um pátio interno, um jardim lindíssimo.

L.O. – Aliás, você falou isso. Algum texto, eu já não me lembro mais qual é, menciona que a Fundação Ford se preocupou e tomou providências para, vamos dizer assim, ter um acordo com o governo brasileiro, para poder fazer essas doações aqui. Você sabe alguma coisa sobre isso?

P.K. – Não, isso eu não sei. Provavelmente foi antes do meu tempo, porque a Fundação começou oficialmente em 62, mas desde 60 ela já estava atuando não oficialmente. Então, talvez, esse acordo tenha saído em 62 para oficializar a presença aqui. Eu, nessa época, não estava.

H.A. – E preocupação com Ditadura, como é que você sentia essa tensão? O Shepard contou várias histórias assim.

P.K. – Nós sentimos. Ele deve saber. Ele não participou porque ele já chegou depois do tempo. Eu também não participei, mas eu soube...

H.A. – Do golpe, mas na Ditadura você estava...

P.K. – Sim, na Ditadura estava ali. Mas antes de eu chegar, eu soube de um caso em que o William Carmichael, que era o representante na época, abrigou na Fundação uma professora de São Paulo que estava sendo procurada: Noracy Ruiz, me lembrei agora do nome dela. Abrigou e praticamente a colocou em um avião para ela fugir, porque estavam atrás dela. Isso foi uma ação dele privada. E ela viveu nos Estados Unidos tranquila. Esse caso eu me lembro. Houve outros casos, mas eu já não lembro assim com tanta certeza. Durante a Ditadura a Fundação fez tudo para ficar dentro do... Naquele limbo, não é? Nem muito avançado, nem muito atrasado. Para poder ajudar de alguma forma. E não aconteceu nada, felizmente. Eu me lembro que uma vez nós tínhamos um desses assessores que prestavam assistência a instituições financiadas, Wener Baer, vocês devem ter ouvido falar. Werner Baer foi perseguido pela polícia e se refugiou na Fundação. Ele chegou assustado, branco. Ele era muito amigo do Isaac Kerztenestsky que, por sinal, é primo do meu marido.

H.A. – E nesses momentos de crise, mas de crise assim... Havia um medo de se fechar o escritório brasileiro, como é que vocês conviveram...?

P.K. – Havia boatos. Aqui corriam boatos, dentro da Fundação Ford, mas sem nenhuma base. Eu acho que era um medo normal. Na época do Collor, por exemplo, se falava muito. Mas isso nunca foi confirmado, eram sempre medos, assim, subjetivos, nada objetivo. Não tivemos nada disso.

[FIM DO ARQUIVO I]

L.O. – Eu ia perguntar uma coisa... Quer dizer, tinham os assessores e tinham os consultores que são...

P.K. – Os consultores não eram da folha da Fundação. Eram contratados para dar consultoria a várias instituições. Pensava-se que não havia necessidade de... Às vezes era um assunto que não entrava no programa, mas que era um assunto que merecia algum tipo ajuda. Então um consultor ia visitar o projeto, fazia o relatório e a Fundação fazia, ou não, a doação solicitada. Nós tivemos, durante muito tempo, esse sistema de consultores. E funcionou durante aquela... Era naquela época das vacas gordas. Fundação Ford, em Nova York, estava nadando em

dólares, em milhares de dólares, a bolsa estava lá em cima. Então vamos distribuir esse dinheiro para quem precisa. Eu acho até uma atitude muito nobre, eles não estavam querendo juntar, estavam querendo distribuir mesmo.

H.A. – Você estava falando aí da época do Collor. Você ficou até 96, não é? Queria que você falasse um pouquinho dos anos 90.

P.K. – O que eu me lembro dos anos 90...

H.A. – Imagino que tenha sido meio conturbado também pela situação política do país.

P.K. – É, mas eu acho que não chegou a afetar a Fundação de maneira, assim, notável, porque não deixou nenhuma lembrança gravada na minha memória. Os anos 90... O Collor saiu em 92, não foi?

L.O. – Aí veio o Itamar e depois Fernando Henrique.

P.K. – Não, foram anos, eu diria, até tranquilos. Quer dizer, a Fundação estava estável, não tinha problemas maiores, não é?

H.A. – Um período interessante... Você citou a Rebecca... Esse momento eu acho que foi importante para definição de certas diretrizes: da questão feminina, da raça...

P.K. – Exato. A Rebecca primeiro e depois a Sonia Álvarez. Foram duas batalhadoras pelos programas de estudos da mulher, foram mesmo.

H.A. – Pelo visto se tornou uma diretriz forte para todos os programas da Fundação, não é?

P.K. – Elas foram muito ativas. A Rebecca muito dedicada. Hoje em dia ela está em Brasília.

H.A. – Sim, a gente conversou com ela.

P.K. – Ah é? Eu tinha vontade de vê-la. Eu me dava muito bem com ela. Ela me mandou uma comunicação que estava em Brasília. Todos os anos ela mandava cartão de natal com a foto dos filhos, mas já há algum tempo que ela não me manda. E Sonia Álvarez também era muito ativa nesses programas.

L.O. – Rebecca nós já conseguimos falar. Sonia ainda não porque depende muito da agenda da pessoa.

P.K. – Sonia não sei onde que está agora.

L.O. – Também não sei.

P.K. – A base dela era a Universidad de San José. Mas ela vinha muito para Santa Catarina, para Florianópolis, porque a parceira dela mora em Florianópolis. Não sei se ela continua vindo, mas quem pode saber dela é Janice. Janice tem mais contato com ela, porque Janice trabalhou diretamente com ela.

H.A. – Agora, Prescilla, quando falei de Lúcia, você falou que lembrava dela, que já tinha vindo aqui. Queria que você me citasse donatários que você lembra que foram, assim, muito relevantes no período que você estava lá, porque a gente também está começando a fazer entrevistas com donatários.

P.K. – Deixa eu me lembrar... Meu deus, são todos.

H.A. – A gente pode ir por área. Por exemplo, na época do Shepard, de desenvolvimento rural.

P.K. – Na época do Shepard o pessoal do Museu Nacional, programa de Antropologia Social – outro programa que nasceu graças à Fundação Ford – e as pessoas de lá sempre foram, assim, muito... Me tratavam, assim, de uma maneira extremamente gentil a ponto de há dois anos, eu acho, eles comemoraram o aniversário do programa... Não me lembro quantos anos o programa estava fazendo, eu acho que devia estar fazendo também trinta ou quarenta, e eles me convidaram para participar. E foi a última vez que vi a Lygia Sigaud que já estava muito doente, coitado. Eu guardo muito boa lembrança do pessoal do Museu: Otávio, Gilberto, Roberto da Matta no começo, a Lygia que sempre foi uma pessoal gentilíssima, tanta gente... Aquele garoto, Leite Lopes

L.O. – José Sérgio.

P.K. – José Sérgio, é. Todos eles. Eles me tratavam, assim, como se eu fosse amiga deles mesmo. Minha relação era estritamente profissional, mas era um tratamento muito... Com o pessoal do Iuperj a mesma coisa. O Iuperj sempre foi gente com quem lidamos com muita alegria, eram pessoas muito legais. Estou me lembrando agora de alguns nomes do Iuperj: Lúcia Valladares na época, Bernardo Sorj, doutor Cândido eu tive muito pouco contato com ele, diretamente eu tive pouco, mas ele sempre estava em contato com os representantes. Quando ele convidava um representante para almoçar a gente sabia que o representante não voltava mais durante a tarde. Os almoços dele duravam até quatro horas da tarde, cinco horas da tarde. Eu me dava com a secretária dele, que também já faleceu.

L.O. – Como você falou, a participação sua assessorando essas comissões de Ciências Sociais e Educação, de alguma forma ali você ficava conhecendo as figuras mais importantes...

P.K. – É, todos eles. Tanto assim que quando eu me desliguei da Fundação Ford, a Fundação me ofereceu uma festa de despedida muito bonita, no restaurante da Maison de France, lá em cima, e me deixaram escolher os convidados. Eu convidei todas essas pessoas que eu considero amigas. Todos eles vieram, mandaram telegramas, emails, muito simpáticos. Foram ótimos. A minha permanência na Fundação Ford, isso eu digo a todas as pessoas com quem eu falo, valeu

por um curso universitário. O que eu aprendi na Fundação Ford, sobre todos os assuntos, eu nunca tive a oportunidade de aprender. Eu não fiz faculdade, eu terminei no início, larguei os estudos no início. Mas o que eu aprendi na Fundação valeu por faculdade, mestrado, doutorado, sobre vários assuntos que a gente trabalhava com eles. E eu lia, muito interessada. Então isso me serviu muito. Foi um lucro extraordinário, além do lucro das amizades pessoais que eu conservo até hoje. Eu sou muito amiga da Gisela Buelau que também foi da Fundação, essa foi anterior a mim, vocês têm que falar com ela também. Gisela Alice Buelau. Ela entrou na Fundação em 66 e saiu em 2001. Ela era a responsável pela administração do escritório.

H.A. – Ótimo, maravilha.

[FIM DO DEPOIMENTO]